

A ANTIGA ALIANÇA DESVANECE E A NOVA PERMANECE: REFLEXÕES TEOLÓGICAS A PARTIR DE 2 CORÍNTIOS 3.7-18

Douglas de Souza Pedrosa ¹

Renato Pereira Freitas ²

Resumo: É evidente que em 2 Coríntios 3.7-18 o apóstolo Paulo faz uma alusão ao texto de Êxodo 34.29-35, a fim de tornar notório o centro de sua missão e mensagem. Sendo assim, Paulo se vê e se declara como um profeta escatológico da nova aliança. Na perspectiva do apóstolo, a nova aliança é superior à antiga, que fora representada por Moisés. A partir deste enfoque, Paulo instrui a comunidade dos coríntios a renunciar os ensinamentos opressores dos judaizantes palestinos que também se infiltraram nela.

Palavra-chave: Nova e antiga aliança; Comunidade de Coríntios; Opositores de Paulo.

Abstract: It is clear that in 2 Corinthians 3.7-18 the apostle Paul makes a reference to Exodus 34.29-35, in order to show the center of his mission and message. Therefore, Paul sees himself and declares himself as a eschatologic prophet of the new aliance. In the perspective of the apostle, the new aliance is superior to the old one, which was represented by Moses. From this point of view, Paul instructs the Corinthians Community to renounce the oppressive teachings of the Judaizing Palestinians, who were also infiltrated in the Community.

Keywords: New and old covenant; Corinthians Community; Opponents of Paulo.

Introdução

As cartas aos Coríntios fornecem evidências de que houve nessa comunidade aqueles que se opuseram veementemente à Paulo de várias maneiras. A preocupação de Paulo em 1 Coríntios parece justamente estar marcada por seus cuidados em diferenciar a comunidade cristã das formas culturais e estruturas de poder social do Império. Quando se analisa cada um dos problemas tratados nesta primeira epístola, encontra-se um denominador comum: *"não como no mundo."* O alerta do autor se enuncia já no capítulo 1, quando trabalha os temas que constituíam a base da ideologia romana do poder: sabedoria, riqueza e prestígio. Logo, a vida interna da comunidade deve-se opor à forma de vida do poder que é presencialmente percebido no mundo romano.

¹ Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil. Graduado em Teologia na Faculdade Batista do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Doutor em Engenharia Nuclear com ênfase na investigação de artefatos arqueológicos por técnicas físico-químicas. Mestre em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil

A saída que o apóstolo encontra e o discurso usado são pelo menos dois: 1) ele se gloria apenas na cruz de Jesus (loucura para os que se perdem); 2) conforme 1 Co 9, o fomento financeiro de sua missão é do seu próprio suor, ou seja, Paulo não tem patrono³. À vista da comunidade de Corinto, esta atitude o diferenciava dos superapóstolos infiltrados na comunidade. Nesse ponto, Paulo se mostra altamente radical, pois bem sabia que o Evangelho tem seu preço: a cruz, a fraqueza e a renúncia às mordomias que os poderosos poderiam lhe conceder.

Em sua segunda carta aos coríntios, tudo indica que, além dos problemas debatidos na primeira carta, Paulo enfrentou forte oposição destes recém-chegados apóstolos à comunidade, cujas atitudes indicavam atender melhor às expectativas humanas da igreja de Corinto (2 Co 2.17; 3.1; 5.12).

Em 2Co 10-13 Paulo defende-se de acusações, entre outras, que ele não preenchia o perfil esperado de um líder. As muitas prisões, a aparência “fraca” e a palavra “desprezível” seriam marcas que confirmariam que ele não era um apóstolo. Numa resposta dura e sofrida Paulo constrói uma argumentação que revela os conflitos que marcaram o cristianismo originário e cria um paradoxo: a glória do cristão está no sofrimento.⁴

Com uma ênfase maior em tratar este público específico, o texto de 2 Co 3.7-18 também faz parte da preocupação paulina com os judaizantes palestinos: um grupo de super apóstolos infiltrados na comunidade de Corinto. Portanto, no bloco de textos, que contempla 2 Co 2.14-7.4, o apóstolo defende energeticamente seu modo de ser e de anunciar o Evangelho contra estes agentes da pastoral que exploram o povo. Os “adversários” de Paulo em 2,14-7, 4 são os mesmos dos capítulos 10 ao 13.⁵ Finalmente, percebe-se que, após a chegada deste grupo, diversas tensões foram criadas entre o apóstolo e a comunidade de Corinto.

Primeiro, os coríntios levantaram várias perguntas relacionadas à integridade de Paulo e sobre o seu comportamento. Alguns, chegaram a acusá-lo de fraude: “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível.” (2 Co 10.10). Portanto, Paulo assegurou-lhes que quando chegasse em Corinto, suas ações seriam consistentes com o que ele havia escrito (2 Co 10.11; 13.1-2.10).

³ HORSLEY, Richard A. **Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴ GARCIA, P. R. **O Sofrimento e a Missão: Reflexões a Partir de 2 Coríntios 10-13**. São Paulo: Caminhando, 2010, p. 29–37.

⁵ BORTOLINI, J. **Cómo leer La Segunda Carta a los corintios los agentes de pastoral y el poder**. San Pablo: Bogotá, 1998, p.13.

Segundo, desconfiou-se das mudanças sofridas nos planos da viagem de Paulo (Cf. 1 Co 16.5-9; 2 Co 1.15-22; 2.1; 13.1). Para alguns, esta alteração no planejamento era uma evidência de que Paulo não era confiável. No entanto, ele sustentou sua defesa de tal acusação afirmando que a recolocação dos planos era para poupá-los de mais dor (2 Co 1.23-2:4).

Em terceiro lugar, um outro motivo de conflito entre Paulo e alguns da comunidade de Corinto, diz respeito às finanças (1 Co 9.1-23; 2 Co 11.7-11; 12.14-18). Embora Paulo tenha aceitado apoio financeiro de outras igrejas, ele recusou o financiamento de Corinto. Eles interpretaram isso como uma evidência da falta de consideração por tratá-los de forma diferente das outras comunidades. Contudo, o apóstolo descreveu sua atitude em relação aos coríntios como uma demonstração de amor de pai.

Por último, identificamos que os métodos e estilo da vida de Paulo também foram uma fonte de contraste entre ele e a comunidade de Corinto. A Igreja valorizava cartas de recomendação e Paulo não carregava nenhuma, exceto a carta de recomendação de que eles mesmos se tornaram (2 Co 3.1-3). Eles buscavam a "sabedoria" e se preocupavam com a aparência de "espiritual"; Paulo até responde-os com o "vangloriar-se de visões"⁶ (2 Co 12.1). Porém, considera sua atitude de resposta uma loucura e define "sabedoria" e "espiritualidade" contrapondo rigidamente às concepções impostas à comunidade. Para Paulo, a glória do cristão está no sofrimento! Em vez de um discurso eloquente, Paulo proclamou "Cristo crucificado" (1 Co 2.2). Finalmente, orgulhar-se era um estilo de vida em Corinto, mas Paulo insistiu que essa cultura era uma "ostentação tola" e, diametralmente oposto, ele se gloriava de suas fraquezas e dificuldades, não de suas grandes realizações (2 Co 11. 21-29).

Portanto, diante desses questionamentos Paulo vê a importância de defender o seu ministério e de onde vem a sua capacitação para tal função. Chegando próximo ao nosso texto, em 2 Co 2.14-4.6, o apóstolo expõe a suficiência do seu ministério, se apresentando como ministro da anunciação da nova aliança. Em 2 Co 3.7-14, Paulo contrasta a antiga e a nova aliança à luz do texto de Êxodo 34.29-35, a fim de afirmar o seu ministério. Em vista disso, este trabalho, buscou desenvolver reflexões teológicas a partir do texto de 2 Co 3.7-18 e as fez sobre três questões que consideramos fundamentais: a) a maneira que Paulo compara o seu chamado ao de Moisés; b) como o apóstolo argumenta que a suficiência de seu chamado vem da graça de Deus c) e sua retórica final convidando os coríntios a uma experimentação e vivência única na nova aliança, a partir da cruz de Jesus.

⁶ Isso sugere que os seus oponentes podem também ter sido "carismáticos".

Texto bíblico de 2Coríntios 3.7-18 ⁷

7. E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fixar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que fosse uma glória que estava desaparecendo,

8. como não será de maior glória o ministério do Espírito?

9. Porque, se o ministério da condenação teve glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.

10. Pois, neste particular, o que era glorioso já não tem mais glória diante da glória atual, que é muito maior.

11. Porque, se o que estava desaparecendo teve a sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.

12. Tendo, pois, tal esperança, agimos com muita ousadia.

13. E não somos como Moisés, que punha um véu sobre o rosto, para que os filhos de Israel não pudessem fixar os olhos no fim daquilo que estava desaparecendo.

14. Mas a mente deles se endureceu. Pois, até o dia de hoje, o mesmo véu permanece sobre a leitura da antiga aliança; não foi tirado, pois só em Cristo ele é removido.

15. Mas, até hoje, quando Moisés é lido, o véu está posto sobre o coração deles.

16. Quando, porém, alguém se converte ao Senhor, o véu é tirado.

17. Ora, este Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

18. E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito.

Delimitação e contexto de 2Coríntios 3.7-18

⁷ BÍBLIA. Português. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

O texto de 2 Co 3.7-18 enuncia como temática central o contraste entre a antiga e a nova aliança. Paulo continua na defesa do seu ministério, agora abordando a relevância da nova aliança, cuja glória é permanente e insuperável no ministério do Espírito. Essa glória é distinta da glória mosaica, que é transitória e inferior no ministério da condenação.

O texto de 2 Co 3.7-18 se destaca perceptivelmente da perícopa anterior (2 Co 2.14-3.6). Nela, a preocupação paulina se concentra em justificar de onde vem a suficiência e a sua capacitação para o ministério que exerce, combatendo a acusação feita a ele de não ter uma carta de recomendação para o exercício dessa função, ou seja, o apostolado. Seu argumento é deslumbrante: a própria comunidade de Corinto era a sua carta e, sobretudo, a carta de Cristo (v.3). Posteriormente, no texto de 2Co 4.1-6, Paulo amplia a defesa de sua missão e apresenta os aspectos que combatem diretamente os super apóstolos. Afinal, esses homens se colocavam como enviados de Jerusalém para contrariar o ensino de Paulo. Eram judaizantes palestinos que se alojaram na comunidade de Corinto e dela dependiam financeiramente. É Bortolini que amplia o assunto e apresenta detalhadamente o perfil dos adversários de Paulo:

Os falsos agentes enganavam e seduziam a comunidade. Paulo é muito duro ao tratar este tema. Ele sabe que é fácil seduzir as pessoas, pois basta recorrer ao prestígio da posição social, ao poder das palavras e a sedução da propaganda. Era precisamente o que faziam aqueles que o criticavam. As três consequências disso são: em primeiro, eles falsificaram a Palavra de Deus (4, 2). O Evangelho já não é uma força libertadora para a vida, mas um simples pretexto para que os agentes pastorais mantenham os seus privilégios e continuem a dominar o povo. Eles acabam pregando a si mesmos, e não a Cristo Senhor. Eles se tornam donos da comunidade (4, 5). Em segundo lugar, eles impediam a própria comunidade de ser crítica: tudo o que faziam era o certo, justo e definitivo. Deus mostraria sua vontade por meio da vontade deles (4, 2). Ao contrário, Paulo prefere se recomendar diante de Deus e diante da consciência de cada pessoa. Terceiro, os falsos agentes reproduziam o poder estabelecido, visto que o deus deste mundo era a sua cabeça, de modo que não viam a luz do Evangelho nem a glória de Cristo resplandecente (4, 4). Paulo mostra, em poucas palavras, o caminho do agente pastoral. Se Jesus é o Senhor da comunidade, a única forma autêntica de ser e agir é o serviço: "Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós como vossos servos por Jesus" (4, 5).⁸

Já na perícopa deste trabalho (2 Co 3.7-18), Paulo faz alusão à experiência de Moisés na descida do monte com as pedras da aliança, após o seu encontro com Deus, registrado em

⁸ BORTOLINI, J. Op. Cit, p.15-17.

Êxodo 34.29-35. Esse argumento era necessário para complementar e fundamentar a perícopre anterior e, ao mesmo tempo, apontar para o seu próximo raciocínio, relatado em 2 Co 4.1-6. Neste sentido, 2 Co 3.7-18 é uma dobradiça do argumento do apóstolo em favor de sua legitimidade apresentada em 2.14-3.6, e que depois é retomado em 2 Co 4.1. Dessa maneira, o nosso texto oferece suporte em ambas as direções.⁹

A principal característica que Paulo destaca nessa narrativa é a resplandecência transitória do rosto de Moisés e a sua necessidade de usar o véu toda vez que se encontrava com o povo de Israel. O teólogo Hafemann nos informa que este fato confirma o que Paulo está dizendo: a Lei foi passageira; a velha aliança não duraria para sempre. Apegar-se a essa tradição, o que era proposto por seus opositores em Corinto, é lutar pela preservação de algo que não faz sentido diante da vida, morte e ressurreição de Jesus.

Sendo assim, diferente da mensagem dos seus adversários, cuja vida estava aprisionada à Lei, Paulo enfatiza a novidade da nova aliança que é Cristo e, se vê, sobretudo, como um profeta dela. À vista disso, teceremos a seguir comentários teológicos sobre o texto de 2 Co 3.7-18, à luz do contraste que o apóstolo apresenta entre o seu ministério (a glória permanente do Espírito-vida-justiça) e o ministério de Moisés (a glória desvanecente da Lei-morte-condenação).

Estrutura e comentário teológico

Para comentar exegeticamente a perícopre, foi adotado a seguinte estrutura:

1) A glória de dois ministérios contrastados (2 Co 3.7-11)

- A antiga aliança: uma glória que estava desaparecendo (v.7)
- A nova aliança e sua esplêndida glória (v.8)
- Glória existente, mas limitada no ministério da condenação (v.7-9a)
- Glória incomparavelmente maior no ministério da justiça (v.9b)
- O sobrepor da glória: nova e antiga aliança, respectivamente (vv.10,11)

2) A antiga aliança desvanece (2 Co 3.12-13)

- O agir com ousadia a partir da esperança (v.12)

⁹ HAFEMANN, Scott J. **Comentario Bíblico con aplicación NVI: 2 Corintios**. Editorial Vida: Miami, 2016. p.180.

- Nós não somos como Moisés (v.13)

3) A nova aliança permanece (2 Co 3.14-18):

- A mente endurecida (v.14a)

- A insistência na antiga aliança (v.14b)

- Somente Cristo remove o véu (v.14c)

- O véu sobre o coração (v.15)

- A conversão ao Senhor tira o véu (v.16)

- O Senhor é o Espírito. Há liberdade no Espírito (v.17)

- Todos com o rosto descoberto completam a glória do Senhor (v.18a)

- Todos com o rosto descoberto são transformados de glória em glória pelo Senhor (v.18b,c)

A glória de dois ministérios contrastados (2 Co 3. 7-11)

7. E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fixar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que fosse uma glória que estava desaparecendo, **8.** como não será de maior glória o ministério do Espírito? **9.** Porque, se o ministério da condenação teve glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça. **10.** Pois, neste particular, o que era glorioso já não tem mais glória diante da glória atual, que é muito maior. **11.** Porque, se o que estava desaparecendo teve a sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.

Paulo realiza o contraste entre a antiga e nova aliança após comparar o ministério dos “mercenários” super apóstolos com o seu (2 Co 2.17-3.1,3). Isto confirma que esses pregadores recém-chegados estavam exaltando o ministério da Lei. Os crentes de Corinto sofriam influências dos opositores de Paulo e em suas mensagens indicavam uma desqualificação da boa-nova pregada pelo apóstolo em detrimento da Lei. Para os seus adversários, aparentemente, a antiga aliança ainda estava em vigor. Logo, a diferença fundamental entre as duas propostas (Paulo e os judaizantes palestinos) aos coríntios residia na interpretação sobre a finalidade da Lei. Para Paulo, é inquestionável que a Lei cumpriu o seu desígnio com a chegada do Filho de Deus e que todas as suas promessas se realizaram em Cristo.

Essa comparação entre os dois ministérios se inicia de forma implícita no v.6, enquanto nos v.7-18 Paulo amplia esse contraste citando do Antigo Testamento (Êxodo 34.29-35), como

veremos no último ponto. Nesta primeira parte (v.7-11), a palavra glória¹⁰ é a chave de sua interpretação. Paulo utiliza o vocábulo nessa parte com a finalidade de demonstrar a perspectiva positiva e antitética da glória da nova aliança: morte e o Espírito que dá vida (v.7-8); condenação e justiça (v.9); desvanecente e permanente (v.11).

Os versos vv.7-11 também permitem verificar que a comparação entre as duas glórias (nova e antiga alianças) são desenvolvidas progressivamente pelas seguintes ideias: pela pergunta "como não será...?" (v.8) e afirmações "muito maior/muito mais" (v.9,11); glorioso o ministério da justiça" (v.9), o que era glorioso não tem mais glória diante da aliança atual (v.10); e pelo clímax no v.11, que afirma a permanência da glória do ministério da nova aliança.

Vale ressaltar que, por intermédio do texto, também é possível verificar que Paulo não menospreza a antiga aliança, pois no início do seu argumento ele afirma a existência da sua glória ("se revestiu de glória" – v.7). Todavia, ele a vê como transitória, antiga e agora inferior à nova aliança! Ademais, a associação que o apóstolo faz no v.7 ("se o ministério da morte, gravado com letras em pedras"), pode ser entendida na perspectiva que a morte tratada por ele não foi por causa da aliança em si ou por falta da glória, mas pela incapacidade espiritual do povo em cumprir seus justos requisitos (Jr 31.32; Ez 36.16-21).

Dessa forma, podemos concluir que Paulo tem uma visão elevada da nova aliança, pois nela se encontram as promessas que Deus fielmente cumpriu em Jesus Cristo (2 Co 1.18-20; 7.1). E que a "superabundante glória" (v.10) da nova aliança ofusca a glória da antiga. Portanto, fazendo esse contraste o apóstolo demonstra que é alienante continuar nela na maneira que insistiam os pregadores "mercenários" recém-chegados àquela comunidade. Logo, o que permanece (*menon*) é Cristo, a revelação definitiva de Deus (1 Cor 1,24), de modo que, o que o precedeu deve ter sido essencialmente transitório (*katargoymenon*), por mais exaltado que tenha sido.¹¹

A antiga aliança desvanece (2 Co 3.12-13)

12. Tendo, pois, tal esperança, agimos com muita ousadia. **13.** E não somos como Moisés, que punha um véu sobre o rosto, para que os filhos de Israel não pudessem fixar os olhos no fim daquilo que estava desaparecendo.

¹⁰ **A glória de Deus.** Ligado na videira. 2013

¹¹ CONNOR, **Novo Comentário Bíblico.** Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011, p.494-495.

Uma nova aliança era necessária. Nos versículos 12 e 13, Paulo continua contrastando a antiga e a nova aliança e agora faz uma alusão ao Antigo Testamento. O contexto de Êxodo 34.29-35 apresenta Moisés recebendo as novas pedras da Lei, após ter quebrado as primeiras, quando presenciou a adoração dos israelitas ao Bezerro de ouro (Ex 32). No momento em que se encontrou com o povo, após a descida do monte, Moisés se cobriu, visto que a irradiação da luz em seu rosto era muito forte.

Assim sendo, Paulo estabelece um paralelo entre o povo da antiga aliança (v.12-13) e o povo da nova aliança (v.16-18). Com base nessa comparação, podemos inferir que Paulo deseja evidenciar que é ministro da nova aliança e que o ministério do Espírito tem um esplendor maior. Para realizar tal comunicação, Paulo no v.12 informa que procede com ousadia e, logo após, compara o seu ministério com o de Moisés.

Nos v.12-13, o apóstolo caracteriza o povo da antiga a partir da sua incapacidade de ver a nova aliança e, dessa maneira, suas explanações têm como base o vocábulo véu. No v.13, o véu sobre a face de Moisés, impede o povo de Israel de enxergar a dissipação da glória da antiga aliança e, além disso, foi esse véu que se tornou uma venda, não permitindo que alguns judeus reconhecessem a transitoriedade da Lei e que foi tornada uma antiga aliança (v.14). Segundo Hafemann,

A mediação de Moisés da glória de Deus usando o véu permite que sua presença permaneça no meio de Israel sem destruí-lo. A este respeito, Moisés se cobrindo com um véu é um ato de misericórdia e, ao mesmo tempo, o próprio fato é um ato de julgamento, por causa da dureza do coração de Israel. O véu não apenas protege os israelitas de serem destruídos; também previne ser transformado. E é que, como Êxodo 20.20 esclarece, o temor de Deus em resposta à revelação de sua glória tinha como objetivo purificar a nação e de prevenir o pecado. Desde o início, Israel foi, portanto, separado da glória transformadora de Deus: primeiro no Monte Sinai, depois na tenda de reunião, em seguida atrás do rosto de Moisés com véu, e, finalmente, dentro do Santo dos Santos, no tabernáculo e no templo. Finalmente em cumprimento das maldições da aliança, a contínua idolatria de Israel leva a uma separação até mesmo de a própria terra prometida, por meio da destruição do reino do norte em 722 a.C. e o exílio do reino do sul em 586 a.C. (cf. Dt 27.1-29: 29: 31: 16-32,44). Portanto, a necessidade de um “novo pacto” articulado em Jeremias 31. 31-34 do limiar do exílio, surge desde o início da história de Israel (cf. Dt 30.1-20).¹²

¹² HAFEMANN, Scott J. Op. Cit, p.199.

Portanto, a partir desses versos (v.12-13), é possível inferir que Paulo além de se apresentar como ministro da necessária nova aliança, reforça que a glória dela é permanente, conforme já abordado por ele no v.11. Para tal conclusão, o apóstolo usa o exemplo de Êxodo 34.29-35, que é justamente o texto que respalda o seu conceito/imagem de uma glória temporária em Moisés. Diante disso, ao fazer essa descrição, podemos concluir que o apóstolo deseja comunicar à comunidade, agora sob a influência de pregadores que faziam apologia à Lei, a seguinte mensagem: os que permanecem na antiga aliança estão sem esperança e cegos. Posto isto, eles não usufruem dos benefícios da nova aliança para com o povo!

A nova aliança permanece (2 Co 3. 14-18)

14. Mas a mente deles se endureceu. Pois, até o dia de hoje, o mesmo véu permanece sobre a leitura da antiga aliança; não foi tirado, pois só em Cristo ele é removido. **15.** Mas, até hoje, quando Moisés é lido, o véu está posto sobre o coração deles. **16.** Quando, porém, alguém se converte ao Senhor, o véu é tirado. **17.** Ora, este Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. **18.** E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito.

Como demonstrado anteriormente, Paulo se coloca como profeta da nova aliança¹³ e considera Cristo o único capaz de desvendar as pessoas. Mais que um *convertido*, segundo o livro Atos em seus três relatos (At 9.1-25; 22.1-21; 26.1-23), Paulo se vê como um profeta, mas não compreende a si mesmo na imagem de alguns profetas veterotestamentários. Nesse caso, mais que no “converso iluminado”, que foi uma das imagens e chaves preferidas para ler Paulo no nosso tempo, se deveria pensar no profeta reclamado por Deus, lançado pelo fogo do Espírito a uma tarefa muito relevante.

Segundo Daniel Marguerat, em 2 Coríntios 3.14, Paulo desenvolve a ilustração do véu que recobre Moisés e a Torá, mas para o apóstolo somente Cristo levanta esse véu.

¹³ Para uma discussão sobre categorias destinadas a Paulo, ver “**Paulo, uma teologia em construção**” (2011, p.18-19).

Os cristãos, em que habita o Espírito de Cristo, são os verdadeiros intérpretes da Escritura. Essa perspectiva define a condição cristã como a dos homens e das mulheres em quem habita o Espírito, crentes carismáticos abertos a uma leitura nova da Torá, que é uma leitura feita à luz do Cristo. O apóstolo não estabelece uma alternativa entre Cristo e a Torá; afirma a necessidade e a possibilidade de uma recepção da Lei “segundo o Espírito”. No v.15 ele reforça, que o véu ainda se encontra em seus corações na leitura de Moisés. Para Paulo, esse véu foi abolido em Cristo (v.14) e por isso ele reconhece que o fim da lei é Cristo (Rm 10.4).¹⁴

Paulo se põe como anunciador escatológico da boa-nova. Ele é aquele que propaga a única mensagem capaz de retirar o véu dos olhos de seus ouvintes (v.15), sendo mais que simples missionário e escritor de cartas.

Poderíamos perguntar: qual a ferramenta que o apóstolo usou para tal evidência? A resposta que temos é que Paulo legitima a sua autoridade ao fazer uma alusão¹⁵ ao texto Êxodo 34.29-35 e, na perícopre anterior (v.6), percebe-se mais uma referência, agora de LXX Jeremias 39.31¹⁶¹⁷. Evocar os textos sagrados conhecidos pela comunidade de Corinto (1 Co 1.18-31) é autenticar a sua palavra à luz da palavra de Deus.

Finalmente, estamos diante de um novo paradigma: em Moisés, encontramos um perfil da antiga aliança; ela apresenta um privilégio mais limitado (somente Moisés fez experiência da glória, e uma glória que desbotava). Em Jesus, anunciado por Paulo, não há privilégio e o acesso à glória de Deus é aberto a todas as pessoas (“todos nós que, com o rosto descoberto”). A experiência com a glória, após acolhida no Senhor (v.16), é estendida a todos os indivíduos. Ela é livre, pois é no Espírito (v.17) e os nascidos do Espírito são como o vento: não se sabe de onde vem, nem para onde vai. A proposta da nova aliança é a verdadeira liberdade e, agora, sem o uso do véu e sem a dureza do coração, todos os cristãos eram livres para experimentar a glória transformadora no próprio Cristo (v.18).

¹⁴ MARGUERAT, D. **Paulo e a Lei: a reviravolta** (Filipenses 3,2–4,1) em Paulo, uma teologia em construção. São Paulo: Loyola, 2011.

¹⁵ Beale (2013), em sua obra **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament** aborda três possibilidades de referenciar o Antigo Testamento: citação, alusão e eco. A **Citação** é a referência direta, uma reprodução explícita de uma passagem do AT (Gl 3,6, citando Gn 15,6). A **alusão** é uma referência indireta, praticamente certa ou provável, embora não tão material quanto a citação explícita. E o **eco** significa uma vaga lembrança de uma passagem ou conceito veterotestamentário, um tipo de alusão possível.

¹⁶ A Septuaginta é uma versão grega do Texto Hebraico, cuja tradução foi realizada entre os séculos III AEC e I EC, tendo o seu início em Alexandria, no Egito. Seu título é proveniente da Carta de Aristéia, por volta de 130 AEC onde relata uma estória sobre o rei Ptolomeu II Filadelfo (285-247 AEC) e seu interesse pela tradução do Texto Hebraico.

¹⁷ Para mais informações sobre o uso de Paulo da LXX, consultar o **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament** by G. K. Beale, D. A. Carson, Baker Academic, 2011.

Considerações finais

Provavelmente a comunidade de Corinto teve algum contato prévio com os ensinamentos judaizantes. Isso facilitou, portanto, a recepção das recomendações desses superapóstolos. Também, suas propostas eram fundamentadas nos aspectos culturais do mundo romano. Conseqüentemente, seus ensinamentos atendiam às expectativas humanas (sabedoria, riqueza e prestígio) mais que as instruções espirituais repassadas pelo apóstolo Paulo. Diante disso, o apóstolo se vê, também, numa missão pastoral para levar à comunidade de Corinto a compreensão correta da nova aliança, que está focada na glória de Cristo.

O apóstolo Paulo apresentou em nossa perícopa uma clara explicação de sua missão e defendeu sua mensagem das falsas acusações dos super apóstolos, contrastando nitidamente a antiga e a nova aliança. O texto de 2 Co 3.7-18 expõe a maneira cristalina que a antiga aliança deveria dar espaço a nova, como já trabalhado por Paulo em Gálatas¹⁸, ao tirar os marcos da promessa e da Lei. Na perspectiva paulina, a Lei em sua relação com o povo de Israel cumpriu sua temporária missão com a chegada do Filho de Deus. Logo, diante de sua finalidade exercida, Paulo percebe-se como o profeta escatológico que anuncia a mensagem da nova aliança. Portanto, o discurso dos “mercenários” infiltrados em Corinto não é um simples ataque ao trabalho e estereótipo pensado para Paulo enquanto apóstolo. Seus ataques dizem respeito a sua missão e a mensagem de salvação em Jesus Cristo esperada há muito tempo e revelada naquele momento.

O apóstolo com muita maestria se apoia na narrativa de Êxodo 34.29-35, a fim de elucidar que a igreja de Corinto deveria se apegar a glória permanente do Espírito-vida, negando a proposta dos judaizantes palestinos que pregavam o ministério de Moisés (a glória desvanecente da Lei-morte). Desse modo, concluímos que, é de suma importância evidenciar que a nova aliança é oferecida a todas as pessoas. Além disso, destacamos que a experiência com a glória de Cristo, que resulta numa verdadeira liberdade no Espírito, não se limita a um ser ou um grupo exclusivo. Pelo contrário, *todos nós* somos convidados a experimentar Jesus e contemplar a sua glória!

Finalmente, o texto de 2Co 3.7-14 nos convida a uma reflexão vocacional. A maneira que Paulo se enxergava fazia com o que todos os seus esforços fossem empregados com

¹⁸ Os temas antiga e nova aliança não aparecem em Gálatas.

intencionalidade. Paulo sabia o real sentido de sua vocação. Ele buscou veementemente ser conduzido pelo Espírito, a fim de cumprir sua missão no mundo. Diante disso, suas cartas não são simples tratados teológicos, que buscavam convencer as pessoas sobre questões formais ou informais acerca de Deus. De maneira oposta, Paulo, imerso na pessoa de Cristo, se via como propagador da vida e mensagem de Jesus para o seu tempo e, conseqüentemente, aguardava ansiosamente por viver eternamente com o seu Salvador.

REFERÊNCIAS

- ASHLEY, E. **Paul's paradigm for ministry in 2 Corinthians**: Christ's death and resurrection. [s.l.] Murdoch University, 2006.
- BARNETT, P. **The second epistle to the Corinthians**. [s.l.] Wm. B. Eerdmans Publishing, 1997. v. 47.
- BEALE, G.K. *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*, Baker Academic, 2011.
- BÍBLIA. Português. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri - SP, 2017.
- BORTOLINI, J. *Cómo leer La Segunda Carta a los corintios los agentes de pastoral y el poder*. San Pablo: Bogotá, 1998.
- COMBLIN, José. *Paulo e a cruz de Jesus*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis, n.20, p.54-61 1995.
- CONNOR, *Novo Comentário Bíblico*. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011.
- DUNN, J. Paulo e a Torá: o papel e a função da Lei na teologia de Paulo, o apóstolo em Paulo, uma teologia em construção. São Paulo: Loyola, 2011.
- FREDERICO, D. L. B.; OTHERS. O GLORiar-SE EM 2 CORÍNTIOS 12, 7-21 Auto-Glorificação ou Defesa da Honra. 2012.
- FURNISH, V. P. *II. Corinthians*. [s.l.] Doubleday, 1984.
- GARCIA, P. R. O Sofrimento e a Missão: Reflexões a Partir de 2 Coríntios 10-13. **Caminhando**, v. 15, n. 1, p. 29–37, 30 jun. 2010.
- HAFEMANN, Scott J. *Comentario Bíblico con aplicación NVI: 2 Corintios*. Editorial Vida: Miami, 2016.
- MARGUERAT, D. Paulo e a Lei: a reviravolta (Filipenses 3,2–4,1) em Paulo, uma teologia em construção. São Paulo: Loyola, 2011.
- MÍGUEZ, Nestor O. *Paulo, o compromisso da fé*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis, n.20, p.7-29 1995.

MITCHELL, M. M. Paul's Letters to Corinth: *The Interpretive Intertwining of Literary and Historical Reconstruction. Urban religion in roman corinth: Interdisciplinary approaches.* 2005.

THRALL, M. E. *A critical and exegetical commentary on the second epistle to the Corinthians. 1. Introduction and commentary on II Corinthians I-VII.* [s.l.] A&C Black, 2000.

MÍGUEZ, Nestor O. *Paulo, o compromisso da fé.* Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis, n.20, p.7-29 1995.